

LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: LINGUÍSTICA TEÓRICA OU APLICADA?

*Pedro Henrique Lima Praxedes Filho (UECE)**

RESUMO

Neste ensaio, pretendo demonstrar que a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), tal como proposta por Michael Halliday, é, a um só tempo, linguística teórica (LT) e linguística aplicada (LA), mas transcendendo ambas e podendo ser considerada linguística aplicável. Para atingir esse objetivo, discorrerei, a princípio, sobre as definições de LT e LA, mostrando que a segunda derivou da primeira, tendo, depois, dela se distanciado; ademais, tentarei explicar a razão do distanciamento e a afinidade da LSF com a LT do ponto de vista da descrição e tipologia linguísticas. Em seguida, dentro do escopo da LT, abordarei as diferenças entre formalismo e funcionalismo tendo em vista a localização epistemológica da LSF. A partir da explicitação dessa localização, definirei ‘sistêmico’ e ‘funcional’ com a intenção de argumentar a favor tanto do fato de que a semântica sistêmico-funcional pode prescindir da disciplina ‘pragmática’ quanto do fato, portanto, de que a LSF é compatível com a LA. Por fim, tentarei construir a argumentação a favor da terceira via: LSF como linguística aplicável.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional; Linguística Teórica; Linguística Aplicada; Linguística Aplicável.

ABSTRACT

In this essay, I intend to demonstrate that Systemic-Functional Linguistics (SFL), as proposed by Michael Halliday, is simultaneously theoretical linguistics (TL) and applied linguistics (AL), transcending, however, both as it can be considered applicable linguistics. In order to reach this aim, I present, at first, definitions of TL and AL, showing that the latter has derived from the former but, afterwards, has distanced itself from TL; moreover, I attempt to explain the reason for the distancing as well as SFL's affinity with TL from the viewpoint of linguistic description and typology. Secondly and within the scope of TL, I discuss the differences between formalism and functionalism for the purpose of locating SFL epistemologically. Based upon such localization, I define ‘systemic’ and ‘functional’ with the intention of arguing for both the fact that systemic-functional semantics can dispense with the discipline ‘pragmatics’ and the fact that SFL is, hence, compatible with AL. Lastly, I attempt to construe the argument in favor of the third alternative: SFL as applicable linguistics.

Keywords: Systemic-Functional Linguistics; Theoretical Linguistics; Applied Linguistics; Applicable Linguistics.

* Professor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA – UECE
Email: pedro.praxedes@uece.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Início, trazendo a voz de Christie (2004, p. 14) sobre a teoria linguística proposta por Halliday (1978, 1985a, 1994) bem como Halliday e Matthiessen (2004, 2014):

Uma das distinções conhecidas é aquela frequentemente feita entre linguística teórica e aplicada e, como a maioria das distinções desse tipo, tem seu valor. ... **No entanto, pelo menos na tradição linguística sistêmico-funcionalista, a distinção entre interesses aplicados e teóricos não é clara.** Qualquer estudo sobre o desenvolvimento da LSF [Linguística Sistêmico-Funcional] durante **os últimos 50 a 60 anos ou mais demonstra o quanto os interesses da teoria têm sido tanto teóricos como aplicados, de forma tal que, em algumas situações, a distinção não é nem mesmo útil!**. (ênfases minhas).

Se, quando se trata da LSF, a distinção entre linguística teórica (LT) e linguística aplicada (LA) não é clara nem mesmo útil, cabe perguntarmos: Afinal, a LSF é LT ou LA?

Mahboob e Knight (2010) postulam que a LSF não é nem LT nem LA! Para eles, seguindo o próprio Halliday (2006a,b), a LSF é linguística aplicável (*appliable linguistics*)! Eu ousou dizer que a teoria hallidayana é simultaneamente LT e LA, transcendendo-as e passando a ser denominada, portanto, de linguística aplicável (*appliable linguistics*, mas não *applicable linguistics*²).

Para entendermos a razão pela qual defendo o argumento de um status híbrido para a LSF e, ao mesmo tempo, transcendente no sentido de eu me alinhar com Halliday (2006a,b), juntamente com Mahboob e Knight (2010), quanto a conferir-lhe um rótulo alternativo – o que poderíamos chamar de terceira via –, faz-se necessário que eu, inicialmente, tente definir, mesmo que simplisticamente, LT e LA.

1. LT-LA E SUAS RELAÇÕES COM A LSF

A LT, por um lado, é uma ciência autônoma que desenvolve teorias descritivas sobre as línguas naturais humanas em geral ou sobre uma língua natural humana em particular, sendo a descrição feita dos pontos de vista: do sistema de significados ou semântica, do sistema de formas ou morfossintaxe, do sistema de sons ou fonologia, dos sons ou fonética. Portanto, a LT é também chamada de linguística descritiva, pois se ocupa em descrever os estratos semântico, morfossintático, fonológico e fonético das línguas naturais humanas³ a fim de comparar umas com as outras, classificá-las em tipos (tipologia) etc.

¹ Minha tradução para: “A familiar distinction is often made between theoretical and applied linguistics, and like most such distinctions, it has its values. ... Nonetheless, at least in the systemic functional linguistic (SFL) tradition, the distinction between applied and theoretical interests is not clearcut. Any study of the emergence of the SFL theory over the last 50 to 60 years or so demonstrates how much the interests of the theory have been both theoretical and applied, so that in some senses the distinction is not even helpful”. Doravante, todas as traduções de citações em inglês são igualmente de minha autoria.

² É o próprio Halliday (2006b, p. 19) quem faz essa distinção, a qual retomarei mais adiante quando trarei sua voz para que ele mesmo a explique.

³ Por línguas naturais humanas, entendo todas as línguas orais-auditivas e todas as línguas visio-espaciais, como a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), deixando de fora as línguas artificiais da programação computacional ou Inteligência Artificial.

Assim sendo, **a LSF é LT** porque, dentre outras tarefas, faz descrição, comparação e tipologia linguísticas. Contudo, há de se fazer uma ressalva terminológica em decorrência de sua filiação epistemológica a uma tradição retórico-etnográfica (RE) em contraponto a uma tradição lógico-filosófica (LF)⁴: ao invés de morfologia e sintaxe ou morfossintaxe, o estrato das formas é chamado de lexicogramática⁵.

Por outro lado, a LA, para Berns e Matsuda (2010), tem sua história caracterizada por dois posicionamentos epistemológicos:

- Do início dos anos 1940 nos EUA até o final da mesma década:

A LA é totalmente dependente da LT – considerada, pois, sua disciplina mãe –, sendo esta a **única** fonte de informação teórico-metodológica daquela, o que exige necessariamente, por parte do aspirante a linguista aplicado, formação acadêmica em LT para que possa aplicar suas teorias descritivas na solução de problemas cotidianos relacionados à linguagem verbal. Nesse início, o objeto da LA se restringia a um único problema cotidiano relacionado à linguagem verbal: o ensino de línguas adicionais, especialmente o inglês.

⁴ Para Halliday e Matthiessen (1999, p. 416-418), as distinções são: na LF, o significado transcende à língua (está fora dela), a unidade de significação é a proposição codificada na sentença (semântica proposicional), a semântica é unifuncional (conteúdo) e a organização linguística é sintagmática (língua como regra); na RE, o significado é imanente (está dentro da língua, sendo nela e por ela construído em relação dialética com o contexto), a unidade de significação é o texto (semântica do texto/discurso), a semântica é plurifuncional (conteúdo, interação, textura) e a organização linguística é paradigmática (língua como recurso). Enquanto a LF procura responder perguntas de cunho filosófico quanto à natureza e origem do conhecimento (filosofia clássica) e usa categorias lógicas (Sujeito-SN + Predicado-SV) em exemplos inventados a partir da “poltrona do filósofo”, a RE procura responder perguntas de cunho retórico quanto à construção de significados através de textos em contexto socio-cultural, usando, então, categorias retóricas (Tema + Rema, por exemplo) em exemplos tomados do cotidiano das pessoas a partir do “trabalho de campo do etnógrafo” (MATTHIESSEN, 1995, p. 64). A LSF não se alinha, pois, com a filosofia clássica, mas o faz com a filosofia da linguagem cotidiana. O sistemicista David Butt assim se refere a Bronislaw Malinowski (antropólogo) e John Firth (linguista), cujo trabalho conjunto foi continuado por Michael Halliday: “...Malinowski (1884-1942) enfatizou a importância ... de se considerar a língua como modo de ação...”, o que “...antecipa muito dos argumentos posteriores de Wittgenstein (1974 [1953])...” (original: “...Malinowski (1884-1942) emphasised the importance ... of regarding language as a mode of action.... This view ... anticipates much of the later arguments of Wittgenstein (1974 [1953])...”); “[d]a mesma forma que seu contemporâneo Wittgenstein, Firth enfatizou o caráter dos eventos linguísticos: atualizados, instanciados em comportamento e dependentes de ... variados propósitos humanos (diferentes jogos de linguagem)...” (original: “Like his contemporary, Wittgenstein, Firth emphasised the character of language events - actualised, instantiated in behaviour, and contingent upon ... varieties of human purpose (different language games)...”) (BUTT, 2001, p. 1810/1813). As sistemicistas Ruqaiya Hasan e Gillian Perrett mencionam John Austin assim: “Dizer que os falantes podem fazer ... ‘coisas com as palavras’ (AUSTIN, 1962) é dizer que a língua tem uma metafunção interpessoal” (original: “To say that speakers are able to do ... ‘things with words’ (Austin 1962) is to say that language has an interpersonal metafunction”) (HASAN; PERRETT, 1994, p. 183). Além do mais, Halliday e Matthiessen (1999, p. 17) defendem que a LSF é uma teoria construcionista: “...a realidade é incognoscível: as únicas coisas que são conhecidas são nossas construções da mesma...” (original: “...reality is unknowable; the only things that are known are our construals of it...”).

⁵ Halliday (1994, xiv) apresenta dois argumentos: 1) a gramática contém em si a sintaxe, o vocabulário e a morfologia (línguas flexionais), com a estrutura e o vocabulário pertencendo ao mesmo estrato ou nível de abstração, o das formas, pois o léxico é a gramática mais delicada/refinada/detalhada (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014, p. 67); 2) o termo sintaxe pressupõe a prevalência da forma sobre a função/uso/significado e a LSF assume a postura da sínese, com sua direção de prevalência contrária: a função/uso/significado tem precedência sobre a forma (Ver Quadro 1).

- Dos anos 1950 até hoje:

A LA passa a ser uma área igualmente autônoma que, para a solução de problemas cotidianos relacionados à linguagem verbal, recorre a teorias e abordagens metodológicas de quaisquer áreas do conhecimento, incluindo a LT, o que faz dela uma área interdisciplinar, não exigindo mais, por parte do aspirante a linguista aplicado, formação acadêmica específica em LT. Esse novo posicionamento epistemológico leva Brumfit (1995, p. 27) a propor a seguinte definição: a LA se ocupa da “...investigação **teórica** e **empírica** de problemas do mundo real nos quais a linguagem é a questão central”^{6,7}, (ênfases minhas).

Portanto, pode-se dizer, grosso modo, que a LA é uma ciência autônoma que parte de uma visão interdisciplinar da linguagem verbal humana a fim de encontrar **soluções para problemas** cotidianos relacionados às línguas naturais. Os problemas são apresentados pelos usuários das línguas, sejam eles professores dessas línguas, fonoaudiólogos, tradutores, intérpretes, críticos literários, lexicógrafos, terminógrafos, proponentes de políticas linguísticas etc. As soluções são encontradas pelo linguista aplicado através da **pesquisa teórica** por ele conduzida. A autonomia da LA chegou a um ponto de exacerbação tal, que a sua interdisciplinaridade passou a ser entendida assim: “A fim de que o linguista aplicado possa desenvolver teorias tendo em vista propor – a partir delas –, soluções para problemas cotidianos de comunicação verbal, ele deve recorrer a disciplinas tais como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Educação, Computação, Filosofia, História, Direito, Medicina (Social) etc. e pode até recorrer à LT!”.

Impõe-se, então, a pergunta sobre a razão pela qual a LA se distanciou tanto da LT com o advento de seu novo posicionamento epistemológico. Vimos que a LA nasceu nos EUA. Além disso, há de se considerar que o único ‘locus’ onde ela poderia encontrar seus “...problemas [cotidianos] do mundo real nos quais a linguagem é a questão central”, retomando a citação de Brumfit (1995, p. 27), seria a língua em uso em contexto social, havendo, pois, a necessidade de “...levar os significados em consideração”⁸ (MAHBOOB; KNIGHT, 2010, p. 2). De modo mais detalhado, Mahboob e Knight (2010) assim se posicionam:

[D]efendemos que esse distanciamento ... foi uma resposta à natureza das teorias linguísticas que eram (e continuam a ser) hegemônicas nos EUA, por exemplo, a linguística gerativa. O paradigma formalista, que é dominante nos EUA, prioriza a ‘langue’ (sistema) em detrimento da ‘parole’ (língua em uso/texto como instância do sistema). Como tal, a linguística [teórica] retirou seu foco de uma discussão sobre a língua tal como é usada e tal como varia em contexto social, o que limita sua utilidade para os linguistas aplicados...⁹ (p. 2).

⁶ “...theoretical and empirical investigation of real-world problems in which language is a central issue”.

⁷ O novo posicionamento é encampado pela LA no Brasil através de linguistas aplicados como, dentre outros, Luiz Paulo da Moita Lopes-UFRJ, Ines Signorini e Marilda do Couto Cavalcanti-UNICAMP, Luís Passeggi-UFRN (MOITA LOPES, 1996, PASSEGGI, 1998, SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998).

⁸ “...to take meaning into consideration”.

⁹ “...we posit that this shift ... was a response to the nature of the theories of language that were (and continue to be) mainstream in the United States, for example, generative linguistics. The formalist paradigm, which is dominant in the United States, prioritizes ‘langue’ (system) over ‘parole’ (language use/text as an instance of the system). As such, linguistics has moved its focus away from a discussion of language as it is used and as it varies in social context. This limits its usefulness for applied linguists...”

Por falar em paradigma formalista, a LT se subdivide em duas abordagens teóricas quanto à descrição das línguas: a formalista e a funcionalista. O Quadro 1 traz as principais diferenças entre o formalismo e o funcionalismo linguísticos segundo Neves (1997) e Schiffrin (1994).

FORMALISMO		FUNCIONALISMO	
NEVES (1997)	SCHIFFRIN (1994)	NEVES (1997)	SCHIFFRIN (1994)
aborda a língua como objeto autônomo	aborda a língua como sistema autônomo	aborda a língua como entidade não autossuficiente	aborda a língua como sistema encravado no social
	considera a língua principalmente como fenômeno mental		considera a língua principalmente como fenômeno social
	postula que os universais linguísticos resultam de uma herança linguística genética compartilhada por todos os humanos		postula que os universais linguísticos resultam dos usos comuns que todos os humanos fazemos da língua em sociedade
	explica a aquisição de L1 através de uma capacidade humana mental e inata para aprender línguas		explica o desenvolvimento de L1 através do processo de surgimento de necessidades comunicativas na criança dentro de seu grupo social
investiga a estrutura sem levar em conta o uso		investiga a estrutura como realização de significados veiculados no uso	
lida com as formas desconsiderando o contexto social		lida com a relação sistemática entre formas e funções dentro do contexto social	
vê as formas como sendo o foco primeiro em detrimento das funções		vê as funções das formas como sendo o foco primeiro	

Quadro 1 - Diferenças entre formalismo e funcionalismo segundo Neves (1997) e Schiffrin (1994)

Enquanto o gerativismo de Noam Chomsky é uma teoria formalista, a LSF de Michael Halliday é uma teoria funcionalista. Portanto, **a LSF é compatível com os anseios da LA!** (língua não autossuficiente / encravada no social / fenômeno social / universais linguísticos ↔ usos comuns das línguas em sociedade / L1 ↔ desenvolvimento das necessidades comunicativas da criança em sociedade / estrutura = realização de significados em uso / relação entre formas e funções em contexto / as funções precedem as formas). Porém, a LSF, além de funcionalista, é também sistêmica. Mas o que significa ‘sistêmico’ e ‘funcional’ no nome da teoria hallidayana? Qual é a relação entre a LSF e a disciplina ‘pragmática’?

2. LSF E ‘PRAGMÁTICA’

Para que eu possa discorrer sobre a relação entre a LSF e a disciplina ‘pragmática’, é necessário que, antes, eu explicito os significados de ‘sistêmico’ e ‘funcional’ e, a partir daí, descreva, breve e esquematicamente, a arquitetura linguística proposta pela LSF.

Em função de sua filiação à RE (Ver Nota de rodapé 5), a LSF é ‘sistêmica’ porque não considera as línguas como conjuntos de regras usadas para formar estruturas. Considera-as como conjuntos de recursos de significados, formas e expressões dentre os quais fazemos escolhas, o que implica que as línguas são potenciais de recursos organizados em sistemas, implicando, por fim, que cada uma, seja oral-auditiva ou visio-espacial, é um sistema de sistemas formalizado via redes de sistemas de significados, lexicogramaticais, fonológico-fonéticos, grafológico-graféticos (línguas não-ágrafas). Antes de serem ‘encadeamento’ (estrutura=dimensão organizacional sintagmática), as línguas são ‘escolha’ (potencial sistêmico no polissistema ou rede de sistemas=dimensão organizacional paradigmática), sendo a dimensão de ‘encadeamento’ mera realização da dimensão de ‘escolha’¹⁰.

Quanto ao ‘funcional’, as quatro razões são as seguintes:

1. A LSF postula que uma língua é ação em contexto, o que implica que é a língua em uso que nos permite funcionar / agir em nossos contextos sociais cotidianos. Uma língua tem função de / é usada para viabilizar a vida das pessoas em seus contextos de situação (social locais) dentro do contexto maior da cultura/sociedade, o que significa que a vida em sociedade / a estrutura social só existe porque existe língua e a língua só existe porque a espécie humana foi capaz de se organizar em sociedade.

2. Trata, na perspectiva da interpessoalidade, das funções discursivas ou papéis discursivo-sociais: (a) dar informação (declarar), (b) demandar informação (perguntar), (c) dar bens e serviços (oferecer), (d) demandar bens e serviços (comandar).

3. Trata, ainda, das funções universais da linguagem verbal ou metafunções:

3.1 Ideacional: função reflexiva; o falante é observador do entorno e do mundo interior.

3.1.1 Ideacional-experiencial: função de conteúdo → somos capazes de representar – subjetiva e individualmente, a partir de nossa situacionalidade sócio-histórica-ideológica –, as experiências humanas cotidianas que ocorrem nos mundos exterior e interior.

¹⁰ Aqui, vale notar que a LSF, apesar de se apoiar nas relações paradigmáticas vs. sintagmáticas saussurianas, rejeita não só a dicotomia chomskyana ‘competência’ (pois conhecimento idealizado de um conjunto de regras) vs. ‘desempenho’ (pois manifestação adulterada porque permeada por fatores irrelevantes: crenças, contexto social etc.) como também a dicotomia ‘langue’ (pois monossistema meramente coletivo) vs. ‘parole’ (pois uso original) do linguista genebrino. Halliday (1978, p. 52) defende que “...a única distinção que se sustenta é aquela entre o *atual* [o que é feito em contexto social] e o *potencial* [o que pode ser feito em contexto social]...” (original: “...the only distinction that remains is that between the *actual* and the *potential*...”). Ademais, o ‘potencial’ e o ‘atual’ não se relacionam dicotomicamente mas através do contínuo de instanciação (especificação). O ‘potencial’ polissistêmico dentro do contexto de cultura/sociedade (por sua vez, dentro do ‘potencial’) – antes de se especificar no ‘atual’ ou instância textual (texto oral, sinalizado, escrito) em relação dialética com uma dada instância do contexto de cultura/sociedade, que é o contexto de situação (social local) –, passa por uma zona de generalização intermediária: o ‘subpotencial’ ou registro/gênero em relação dialética com dado subconjunto do contexto de cultura/sociedade ou tipo de situação.

3.1.2 Ideacional-lógica (lógica natural ou da linguagem do cotidiano e não proposicional, segundo Halliday e Matthiessen (1999)): função de sequenciamento → somos capazes de sequenciar as representações subjetivas, individuais e situadas que fazemos das experiências em complexos experienciais.

3.2 Interpessoal: função acional; função de (inter)ação / participação; o falante é intruso / participante → somos capazes de agir, dentro da estrutura social, sobre os outros, fazendo-os reagir; é uma ação de trocas, com os outros, de experiências subjetivamente representadas e sequenciadas (interpessoal-negociação) e de construção, nas relações de negociação ou dialógicas com os outros, da maioria de nossas identidades¹¹, ao expressarmos nossas avaliações/interpretações das experiências humanas cotidianas (interpessoal-avaliatividade).

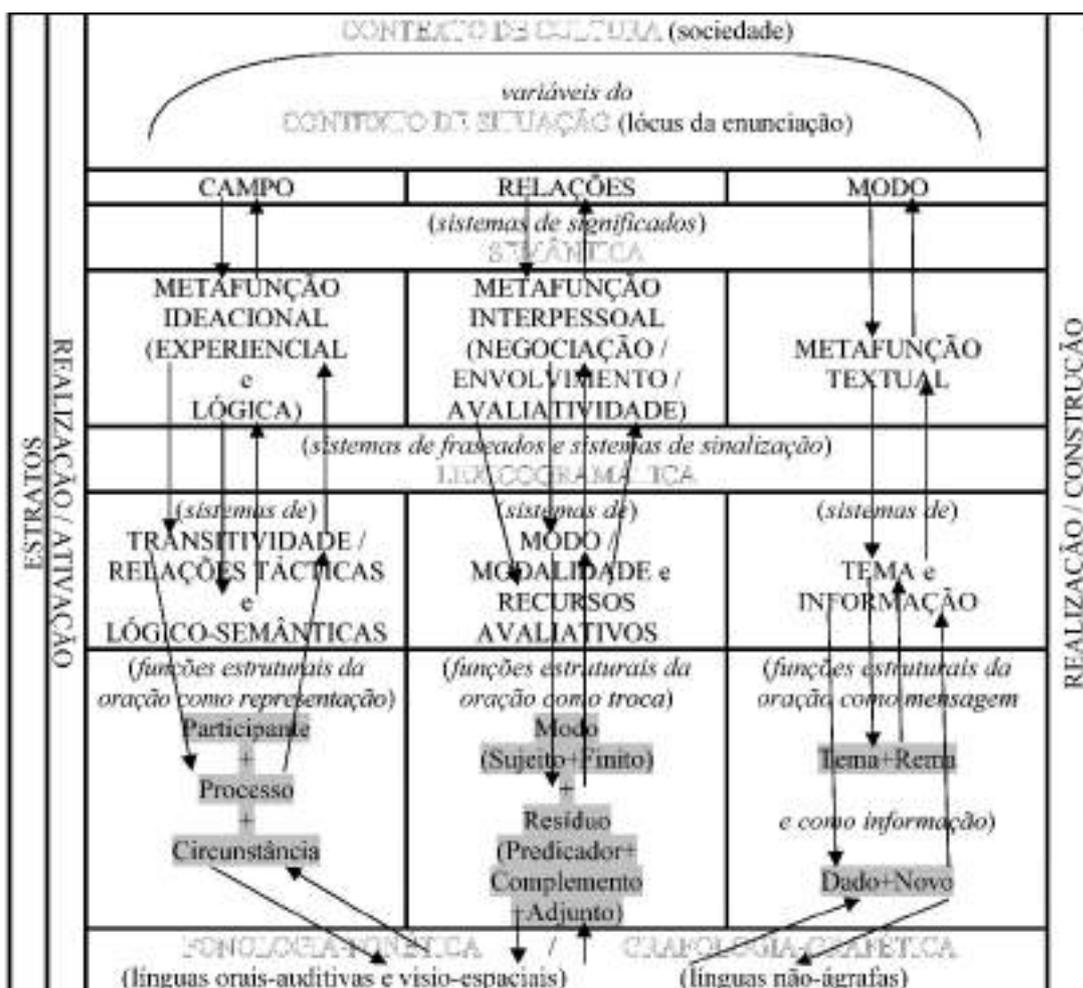
3.3 Textual: função instrumental, viabilizadora; o falante é usuário da língua, ao mesmo tempo em que é observador e intruso → somos capazes de compor textos orais/sinalizados ou escritos coesos e coerentes, através dos quais trocamos com os outros (interpessoal) experiências subjetivamente representadas e sequenciadas (ideacional).

4. Trata, ainda, das funções configuracionais ou estruturais que realizam as escolhas sistêmicas feitas nas redes de sistemas lexicogramaticais, formando, pois, configurações ou estruturas em que os constituintes se relacionam funcionalmente uns com os outros na hierarquia da oração ou do grupo-frase ou da palavra ou do morfema (Ver Linha 7 no Quadro 2).

É a semântica o estrato onde estão as metafunções das línguas ou as três grandes áreas de significados universais. Para cima, o estrato da semântica constrói / realiza as três variáveis do contexto de situação (social local) (campo, relações, modo), que se constitui em um estrato extralinguístico, pois as línguas, como vimos, não são autônomas/autossuficientes. Para baixo, o estrato da semântica ativa as / é realizado pelas três áreas principais do estrato da lexicogramática (transitividade + relações táticas e lógico-semânticas, modo + modalidade + recursos avaliativos, tema + informação), o qual ativa a / é realizado pela expressão fônica/sinalizada ou gráfica. O Quadro 2 sintetiza a arquitetura linguística proposta pela LSF.

Pelas definições de ‘sistêmico’ e ‘funcional’ e pelo tipo de arquitetura linguística apresentada, fica claro que a LSF, ao descrever línguas, o faz para poder falar sobre seus usos no contexto mais amplo da cultura ou sociedade e, especialmente, no contexto imediato da situação onde a enunciação se dá, onde os textos falados/sinalizados ou escritos são construídos.

¹¹ Do meu ponto de vista, com base na minha experiência de vida a partir da primeira infância e da experiência de vida de outras tantas pessoas LGBTTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) que conheço e com as quais converso, não posso, sob pena de ser absolutamente incoerente com o que sei que sou e com o que passei a saber que essas outras pessoas são, deixar de excluir da construção socio-semiótica ou socio-discursiva das identidades humanas, as identidades de orientação sexual (homossexual, pansexual, assexual, bissexual, heterossexual) e de gênero (transexual e cissexual), as quais, para mim, são características com as quais grande parte de nós LGBTTs nascemos, sendo de origem socio-discursiva apenas o modo como as ‘encenamos’ no cotidiano; não descarto, contudo, por pensar nessas identidades como partes de contínuos, que possam existir pessoas para as quais elas sejam construídas socio-discursivamente. Este é um posicionamento político-acadêmico pessoal.



Quadro 2 - sintetiza a arquitetura linguística proposta pela LSF.

Quanto à disciplina ‘pragmática’, Mahboob e Knight (2010) dizem que, “...com seu foco na língua em uso, ela ganhou o interesse da LA (diferentemente da linguística gerativa...) porque estuda a língua em contexto e, portanto, contempla as necessidades dos linguistas aplicados. ... [P] ara ter relevância e utilidade, [a LT] precisa eleger a língua em uso e os significados como ponto de partida”¹² (p. 3).

Mas onde está a pragmática na LSF para que ela seja relevante e útil para a LA? Não acabamos de ver que a LSF só contempla o contexto, a semântica, a lexicogramática e os estratos da expressão? Halliday e Matthiessen (1999, p. 12) argumentam que “[n]ão existe um componente separado ‘pragmática’ na nossa ... teoria”¹³.

¹² “Pragmatics, with its focus on language in use, has been gaining interest in applied linguistics (unlike generative linguistics...) because it studies language in context and therefore resonates with the needs of applied linguists. ... [T] o be of relevance and use, linguists need to take language use and meaning as a starting point”.

¹³ “[t]here is no separate component of ‘pragmatics’ within our ... frame”.

A inexistência começa a ser explicada através do fato de Matthiessen e Bateman (1991) defenderem que a LSF, a Gramática Estratificacional de Lamb e a Tagmêmica de Pike “...são provavelmente as três únicas teorias [linguísticas] abrangentes com uma longa tradição de pesquisa”, sendo a LSF “...claramente a mais abrangente...”¹⁴ (p. 57/58). Eles justificam essa posição dizendo:

[E]xistem, na verdade, muito poucas teorias linguísticas que são suficientemente abrangentes, isto é, a maioria das atuais teorias não são teorias da língua mas teorias de sintaxe, sintaxe e morfologia, ou sintaxe, morfologia e fonologia; ... elas não cobrem a semântica de um modo abrangente, o discurso ou a organização discursiva, a coesão, o contexto e o registro (variedade funcional)¹⁵ (p. 57).

Se outras teorias não abordam a semântica de um modo abrangente, **a LSF o faz**. Isso significa que a semântica das teorias formalistas restringe-se somente ao componente ideacional, deixando de fora os componentes interpessoal e textual. A LSF, ao contrário, dá conta dos três simultaneamente (ver nota de rodapé 5). Uma vez que os dois últimos tratam da interação verbal e da formação de textos (língua em uso) – tradicionalmente consideradas o escopo da disciplina ‘pragmática’ –, Halliday (1994, p. xiv) diz, nas entrelinhas, que sua teoria pode dispensá-la como complemento à semântica. Halliday e Matthiessen (1999) são explícitos e afirmam:

[A] pragmática tem servido como termo alternativo para os domínios interpessoal e textual da semântica. ...[M]as parece indesejável obscurecer a relação entre o significado ideacional por um lado e os significados interpessoal e textual por outro lado, colocando-os em disciplinas diferentes. (p. 12)

Na tradição lógico-filosófica, o significado é intimamente associado com representação, referência, denotação, extensão ou conteúdo; então, o escopo metafuncional restringe-se à metafunção ideacional: semântica significa semântica ideacional. Na tradição retórico-etnográfica, o significado é intimamente associado com questões retóricas; então, o escopo metafuncional envolve as três metafunções: semântica significa semântica ideacional, interpessoal e textual; é multifuncional. Se os significados interpessoal e textual são tratados pela tradição lógico-filosófica ..., eles são estudados sob a rubrica pragmática ao invés de semântica.¹⁶ (p. 417).

¹⁴ “...are probably the only three comprehensive theories with a long tradition of research” / “...clearly the most comprehensive...”.

¹⁵ “[T]here are, in fact, few linguistic theories that are comprehensive enough. That is, most current linguistic theories are not theories of language but theories of syntax, syntax and morphology, or syntax, morphology, and phonology; ...they do not cover semantics in a general way, discourse or discourse organization, cohesion, context, and register (functional variation)...”.

¹⁶ “[P]ragmatics has served as an alternative term for the interpersonal and textual domains of semantics. ... [B]ut it seems undesirable to obscure the relationship between ideational meaning on the one hand and interpersonal and textual meaning on the other hand by locating them within different disciplines”.

“In the logico-philosophical orientation, meaning is closely associated with representation, reference, denotation, extension or ‘aboutness’, so the metafunctional scope is restricted to the ideational metafunction: semantics means ideational semantics. In the rhetorical-ethnographic orientation, meaning is closely associated with rhetorical concerns, so the metafunctional scope involves all three metafunctions; semantics means ideational, interpersonal and textual semantics; it is multifunctional. If interpersonal and textual meanings are dealt with by logico-philosophical accounts ..., they are handled under the heading of pragmatics rather than the heading of semantics”.

Logo, como a LA, em sua versão interdisciplinar, só encontra subsídio teórico, quanto à LT, na disciplina ‘pragmática’ e como a LSF é a única teoria linguística cuja semântica se confunde com a pragmática, **fica confirmado, portanto, que a LSF é compatível com a LA**. Além disso, o próprio Halliday (1985b, p. 7) assim se refere à sua teoria descritiva: “...o valor de uma teoria está no uso que se possa fazer dela. ... Sempre considerei que uma teoria linguística deva ser essencialmente orientada para o consumidor”¹⁷.

Objetivando a consolidação do argumento de que a **LSF é simultaneamente LT e LA**, o Quadro 3 mostra as áreas de pesquisa cobertas ao redor do mundo pela LSF (MATTHIESSEN, 2009) em comparação com as áreas tradicionalmente cobertas pela LT e aquelas cobertas no congresso da *Association Internationale de Linguistique Appliquée (AILA)* em agosto de 2014: *AILA World Congress 2014* (<http://www.aila2014.com/index.html>).

LSF	
descrição, comparação e tipologia	LT
	AILA 2014
ontogênese primária (desenvolvimento de L1)	aquisição da primeira língua
estudos multilíngues/ ontogênese secundária (desenvolvimentos de línguas adicionais)	aquisição de segunda língua
linguística educacional / estudos multissemióticos	leitura, escrita e letramento visual
ontogênese linguística (primária e secundária)	psicolinguística
linguística educacional	ensino da língua materna
linguística educacional	ensino da língua padrão
linguística educacional / estudos multilíngues / ensino de L2	ensino de segunda língua/língua estrangeira e formação do professor
estudos multilíngues / linguística educacional / estudos culturais	língua e educação em ambientes multilíngues
linguística educacional	tecnologia educacional e aprendizagem de língua
linguística educacional	avaliação de desempenho linguístico
linguística organizacional / linguística institucional	comunicação profissional e nos negócios
estudos multilíngues / estudos da tradução e interpretação	tradução, interpretação e mediação
linguística forense	língua e a lei/linguística forense
linguística organizacional linguística institucional	língua e o lugar de trabalho
linguística da mídia / linguística publicitária	língua na mídia e discurso público
linguística clínica	língua, saúde e envelhecimento
análise de gênero e registro / tipologia linguística / descrição	sociolinguística
linguística educacional	política e planejamento linguísticos
estudos multilíngues / estudos culturais / ontogênese linguística (primária e secundária)	bilinguismo e multilinguismo
estudos multilíngues / estudos culturais	comunicação intercultural
análise do discurso / análise crítica do discurso / análise positiva do discurso ¹⁸ / análise estratégica do discurso / estudos culturais / linguística ética	língua e ideologia
estudos culturais / análise do discurso / análise crítica do discurso / análise positiva do discurso / análise estratégica do discurso / linguística ética / ontogênese linguística (primária e secundária)	língua, cultura e socialização

¹⁷ “...the value of a theory lies in the use that can be made of it. ... I have always considered a theory of language to be essentially consumer oriented”.

¹⁸ O sistemicista proponente da APD, Jim Martin, assim se refere a ela: A APD “...complementa a ACD [análise crítica do discurso], focalizando os discursos cujo objetivo é transformar o mundo em um lugar melhor...” (MARTIN, 2006, p. 178). (original: “...complements CDA by focussing on discourses that are designed to make the world a better place...”).

estudos culturais / estudos multilíngues / descrição	inglês como língua franca e ingleses ao redor do mundo
linguística computacional	língua e tecnologia
análise de gênero e registro / estudos culturais / linguística ética / linguística educacional / linguística organizacional / linguística institucional / linguística da mídia / linguística publicitária / linguística clínica / estudos multissemióticos / linguística forense	língua e interação social
análise de gênero e registro / estudos culturais / linguística ética / linguística educacional / linguística organizacional / linguística institucional / linguística da mídia / linguística publicitária / linguística clínica / estudos multissemióticos / linguística forense	Pragmática
estudos multissemióticos	Multimodalidade
linguística de corpus	linguística de corpus
análise do discurso / análise crítica do discurso / análise positiva do discurso / análise estratégica do discurso	análise do discurso
linguística artística / linguística estética / arte verbal	retórica e estilística
lexicologia (HALLIDAY et al, 2004, HALLIDAY; YALLOP, 2007)	lexicografia e lexicologia
linguística epistemológica	?
Ecolinguística	?

Quadro 3 - Áreas cobertas pela LSF, LT e LA

Como podemos ver, a LSF se iguala à LT e vai um pouco além da LA!

3. FINALMENTE A LSF COMO LINGUÍSTICA APLICÁVEL

Um dos aspectos importantes característicos da LSF que contribuiu para que Halliday (2006a,b) a considerasse linguística aplicável tem a ver com esta citação de Mahboob e Knight (2010, p. 3):

[C]riticamos áreas da linguística hegemônica por não desenvolverem teorias que contemplem as necessidades dos linguistas aplicados. Contudo, podemos também criticar a LA por não ter contribuído para nem trabalhado em direção a uma teoria linguística abrangente¹⁹.

A explicação mais provável quanto a não retroalimentação da LT pela LA é o fato de esta ter optado por se distanciar daquela. Sobre a necessidade de não-distanciamento, Halliday (2006b, p. 19) diz:

Sempre tentei trabalhar a partir de uma orientação funcional em relação à língua, mas sem evitar teorizar, porque, sem teoria, não pode haver uma prática consistente e efetiva. Contudo, trato a teoria como um empreendimento do tipo ‘solução de problemas’ e tento desenvolver uma abordagem teórica e um modelo teórico de língua que possam ter relevância quanto às atividades e tarefas do cotidiano. Dou

¹⁹ “[W]e have criticized areas of mainstream linguistics for not developing theories that serve the needs of applied linguists. However, we can also criticize applied linguistics for not having contributed to or worked towards a comprehensive theory of language either”.

a isso o nome de linguística ‘*appliable*’: *appliable* ao invés de *applicable* porque a palavra ‘*applicable*’ refere-se a um propósito específico, enquanto ‘*appliable*’ significa ter a propriedade geral de que ela pode ser usada em diferentes contextos operacionais^{20,21}.

Fica claro que a ‘*appliable linguistics*’ hallidayana se caracteriza não só por ser uma teoria com potencial de aplicação em espectro amplo de situações cotidianas, mas também por ter a qualidade da retroalimentação bidirecional entre teoria e prática. A retroalimentação bidirecional está clara e explicitamente posta em Christie (2004, p. 14):

Contribuições teóricas [à LSF] têm tido consequências quanto ao desenvolvimento de áreas aplicadas, enquanto estudos aplicados [em LSF] igualmente retroalimentam estudos teóricos. Uma das áreas mais significativas para a qual a teoria LSF tem contribuído muito é a pesquisa educacional e o desenvolvimento de uma teoria da língua na educação²².

A própria pesquisa de Halliday, ainda ativo aos 89 anos, demonstra, como não poderia deixar de ser, que a LSF é de aplicabilidade ampla e propicia o diálogo teoria-prática. Podemos constatar isso através de Chenguang (2010) quando nos informa que Halliday, no seu discurso de inauguração, em 2006, do *Halliday Centre for Intelligent Applications of Language Studies* na *City University of Hong Kong*,

...examinou como o estudo científico da língua pode ajudar a resolver problemas de comunicação em muitos aspectos da vida moderna, incluindo **educação, cultura, saúde e segurança**. ...Ele tem feito pesquisas a respeito de **muitas situações práticas**, cujos resultados só são eficazes se houver a **aplicação** de um **entendimento teórico** sobre língua passível de resolver problemas...²³ (ênfases minhas).

Penso já ter argumentado o suficiente a favor da minha posição de considerar a LSF simultaneamente LT e LA. Resta argumentar, contudo, a favor do ponto relativo à defesa, pelo fato de eu me alinhar a Halliday (2006a,b) ao considerar a LSF linguística aplicável, da posição de que a LSF transcende a LT e a LA. Defendo esse ponto por entender, como demonstrei no Quadro 3, que a LSF realiza mais que as disciplinas às quais se liga e não congela, em dicotomia estanque, a relação teoria-prática como elas tendem a fazer.

²⁰ Aqui está, pois, a explicação dada pelo próprio Halliday quanto à distinção entre ‘*appliable*’ e ‘*applicable*’.

²¹ “I have always tried to work with a functional orientation to language; not eschewing theory, because without theory there can be no consistent and effective practice, but treating a theory as a problem-solving enterprise and trying to develop a theoretical approach, and a theoretical model of language, which can be brought to bear on everyday activities and tasks. I call this an ‘*appliable*’ linguistics: *appliable* rather than *applicable*, because the word ‘*applicable*’ refers to one particular purpose, whereas ‘*appliable*’ means having the general property that it can be put to use in different operational contexts”.

²² “Contributions in the theoretical sense have had consequences for developments in applied areas, while applied studies have equally tended to rebound back on theoretical studies. One of the most significant areas of work in which SFL theory has made a major contribution is in educational research and in the development of a theory of language in education”.

²³ “...examined how the scientific study of language helps solve communication problems in many aspects of modern life, including education, culture, health and safety. ... He has investigated many activities in which an effective outcome depends on applying a theoretical understanding of language to solving problems...”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa discussão e para finalizar, é importante frisar os seguintes pontos:

- A LSF é ‘*applied linguistics*’ por descrever teoricamente a(s) língua(s) (é **LT**) e resolver um largo espectro de problemas práticos do cotidiano em que a língua seja central (é **LA**), promovendo um diálogo bidirecional entre teoria e prática (**vai além da LT e LA**).

- Sendo ‘*applied linguistics*’, a LSF é uma teoria a ser usada como modo de “ação ... para se intervir nos processos sociais e semióticos” (MATTHIESSEN, 2009, p. 12).

- Só que a LSF é um modo de ação híbrido do ponto de vista dos dois posicionamentos epistemológicos da LA: precisa da interdisciplinaridade, mas, ao mesmo tempo, não pode abrir mão de uma teorização robusta e abrangente de língua.

Logo, para a LSF, o papel exercido pela LT na LA, na relação da LT com as demais disciplinas auxiliares (e auxiliadas) no ambiente da interdisciplinaridade, é central e indispensável, o que significa que a LT precisa estar necessariamente presente na formação acadêmica do linguista aplicado.

REFERÊNCIAS

AILA World Congress 2014, 2014, Brisbane, Austrália. Disponível em < <http://www.aila2014.com/index.html>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

BERNS, M.; MATSUDA, P. K. Applied Linguistics. In: BERNS, M. (Org.). **Concise encyclopedia of Applied Linguistics**. Amsterdam: Elsevier, 2010. p. 3-13.

BRUMFIT, C. Teacher professionalism and research. In: COOK, G; SEIDLHOFER, B. (Org.). **Principle and practice in Applied Linguistics: studies in honor of H. G. Widdowson**. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 27-41.

BUTT, D. Firth, Halliday and the development of systemic functional theory. In: AUROUX, S.; KOERNER, E. F. K.; NIEDEREHE, H. J.; VERSTEEGH, K. (Org.). **History of the language sciences: an international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present**. Berlin e New York: Walter de Gruyter, 2001. p. 1806-1838.

CHRISTIE, F. Systemic Functional Linguistics and a theory of language in education. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 46, p. 13-40, 2004.

CHENGUANG, C. **The dialectic of theory and practice: SFL as an applied linguistics**. School of Foreign Languages, Sun Yat-sen University, China, manuscrito, 2010.

HALLIDAY, M. A. K. Working with meaning: towards an applied linguistics. **Inaugural lecture to mark the launch of the Halliday Centre for intelligent applications of language studies at the City University of Hong Kong**, Hong Kong. 2006a.

_____. Some theoretical considerations underlying the teaching of English in China. **The Journal of English Studies**, Chongqing, China, v. 4, p. 7-20, 2006b.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985a.

_____. Systemic background. In: BENSON, J. D.; GREAVES, W. S. (Org.). **Systemic perspectives on discourse** - selected theoretical papers from the 9th International Systemic Workshop. Norwood, NJ: Ablex. 1985b. p. 1-15.

_____. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

_____.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. London e New York: Routledge, 2014.

_____.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.

_____.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition**. London e New York: Continuum, 1999.

_____.; YALLOP, C. **Lexicology: a short introduction**. London e New York: Continuum, 2007.

_____.; TEUBERT, W.; YALLOP, C.; ČERMÁKOVÁ, A. **Lexicology and corpus linguistics: an introduction**. London e New York: Continuum, 2004.

HASAN, R.; PERRETT, G. Learning to function with the other tongue: a systemic functional perspective on second language teaching. In: ODLIN, T. (Org.). **Perspectives on pedagogical grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 179-226.

MAHBOOB, A.; KNIGHT, N. K. Applicable Linguistics: an introduction. In: _____. (Org.). **Applicable Linguistics**. London e New York: Continuum, 2010. p. 1-12.

MARTIN, J. R. Vernacular deconstruction: underpinning spin. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 177-203, 2006.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Ideas & new directions. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. J. (Org.). **Continuum companion to Systemic Functional Linguistics**. London e New York: Continuum, 2009. p. 12-58.

_____. **Lexicogrammatical cartography: English systems**. Tokyo: International Language Sciences Publishers, 1995.

_____.; BATEMAN, J. A. **Text generation and Systemic-Functional Linguistics: experiences from English and Japanese**. London: Pinter, 1991.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de Lingüística Aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PASSEGGI, L. **Abordagens em Lingüística Aplicada**. Natal: EDUFERN, 1998.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to discourse**. Oxford: Blackwell, 1994.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Mercado de Letras, 1998.

